

HOMO SAPIENS ?

Assistimos estarecidos às notícias da chacina na Casa de Detenção em São Paulo. Na véspera das eleições municipais esta verdadeira hecatombe obviamente leva a ilações de caráter político, mas não é este o aspecto mais importante.

No último decênio do século XX, após milhões de anos de assunção da posição vertical por parte do "elo perdido", continua o homo sapiens a exhibir, em certos grupos da sociedade, um comportamento de animal selvagem segregado e acuado.

A violência do confronto entre detentos e a Polícia Militar no dia 2 pp nos leva a manifestar a nossa repulsa total pela ação selvagem da Polícia Militar e exigir do Governo do Estado de São Paulo uma ação imediata que vise humanizar o tratamento dispensado aos presidiários e o preparo correto dos soldados e oficiais da Polícia Militar para que *protejam* os cidadãos. Isto paralelamente à apuração das responsabilidades e posterior punição rigorosa dos responsáveis.

AGENDA

13/10 - 16:30 h

Reunião do Fórum Pós ECO/92. Local: Sede da ADUNICAMP.

14/10 - 9:00 h

Reunião do Fórum das Seis Entidades. Local: Sede da ADUSP.

26/10 - 10:00 h

Reunião da Comissão Técnica do CRUESP. Local: Secretaria de - Ciência e Tecnologia.

27/10 - 10:30 h

Reunião do CRUESP. Local: Secretaria de Ciência e Tecnologia.

AEROGRAMAS CONTRA A LEI DE PATENTES

NÃO DEIXE DE PARTICIPAR DA "CHUVA DE AEROGRAMAS" CONTRA A APROVAÇÃO DO PROJETO DE LEI DE PROPRIEDADE INDUSTRIAL (PL Nº 824/91).

PARA ASSINAR UM DESSES AEROGRAMAS, PROCURE O MEMBRO DO CR ADUNICAMP, EM SUA UNIDADE OU A SEDE DA ADUNICAMP.

PROMOÇÃO:

FÓRUM PELA LIBERDADE DO USO DO CONHECIMENTO.

EUA: UM PARADIGMA PARA O BRASIL?

Após um ano de estadia nos Estados Unidos da América, período durante o qual realizei programa de pós-doutoramento na Virginia Tech, Blacksburg, Virginia, acho oportuno tecer algumas considerações que acredito sejam relevantes neste momento de crise profunda que o Brasil vive.

A iniciativa de escrever este artigo foi provocada pela constatação da existência de um abismo entre o que observei ao longo do ano passado nos EUA e o que tenho visto na imprensa brasileira escrita e televisada e ouvido de patricios deslumbrados por viagens à América.

Mais do que nunca os EUA estão ocupando a mente da classe média brasileira, que sonha em poder fugir às suas responsabilidades na atual crise política e econômica do país natal e ir saciar seus impulsos consumistas no comércio de Miami e Nova Iorque.

Visto através dos óculos escuros de um turista, os EUA são um paraíso de videocassetes, filmadoras, toca-discos laser, atrações da Disney e da Broadway. Observados porém com um pouco mais de atenção e senso crítico, o que desponta é uma sociedade socialmente injusta que, mesmo sendo a mais opulenta do planeta, convive com vergonhosa miséria.

Uma em cada cinco crianças Norte-Americanas vive abaixo da linha de pobreza, sendo que uma em cada duas crianças negras é pobre (1). No interior dos estados mais pobres do sul dos EUA e nas periferias das grandes cidades, milhões de Norte-Americanos não têm alimentação, saúde, habitação e educação adequadas. Os índices de analfabetismo (muitos Norte-Americanos, apesar de terem uma educação formal mínima, são de fato analfabetos), de mortalidade infantil e de tuberculose chegam a níveis de terceiro mundo em muitos destes lugares. Quase 40 milhões de Norte-Americanos não têm seguro saúde, num país onde o custo dos serviços médicos é elevadíssimo; uma diária de UTI sai pelo menos US\$ 200 e um asilo fica em média por US\$ 2000 mensais. Cerca de um milhão de Norte-Americanos são sem-teto e dois terços dos inquilinos pobres gastam mais da metade de sua renda com despesas de habitação (1).

Em consequência de tudo isso as prisões estão abarrotadas. Mais de 600.000 Norte-Americanos estão nas prisões federais e estaduais e a população carcerária não para de crescer. Durante a era Bush-Reagan os ricos ficaram mais ricos e os pobres mais pobres (1).

Enquanto isso, os EUA perdem a competitividade no cenário mundial, cedendo terreno para o Japão e para a Europa, e a atual recessão (que alguns já chamam depressão) vai se agravando na medida em que aumenta a penetração de produtos estrangeiros. Recentemente, um dos grandes fabricantes de aviões dos EUA vendeu 40% de suas ações para um grupo Sul-Coreano para aliviar suas dificuldades financeiras.

A desregulamentação da aviação civil gerou a bancarrota de muitas companhias aéreas. Como resultado, em pouco tempo só restarão duas ou três empresas, que acabarão por entrar em acordo e elevar os preços das passagens a níveis mais altos que aqueles praticados antes da desregulamentação. A falácia da livre concorrência que auto-regula o mercado cai por terra. Grandes empresas, como a General Electric, não conseguem se sustentar sem a ajuda do governo. Na maioria delas, os lucros são apropriados pelas diretorias e acionistas, ficando os prejuízos para o contribuinte. Isso porque o governo não pode permitir que estas mega-empresas quebrem, seja pelo alto custo social que isto implicaria, seja por razões de segurança nacional (a GE é o maior conglomerado militar-industrial do planeta). Foi assim com a Chrysler há não muito tempo.

Também é fácil mostrar que nas grandes corporações o acionista não detém nenhum poder real e a empresa fica inteiramente nas mãos de sua tecnocracia (2). Uma prova disso é que os salários de dirigentes de grandes corporações geralmente não guardam nenhuma correlação com a lucratividade das mesmas. Cabe então a pergunta: Privatizar é realmente a tão decantada solução para os males da nossa economia?

Enquanto a pobreza aumenta e os problemas sociais afloram, o discurso do livre comércio, da diminuição do Estado e da desregulamentação da atividade econômica se intensifica. Nós no Brasil adotamos a receita e fazemos dos EUA nosso paradigma, não só econômico, mas também cultural e social.

Parece óbvio que, quanto mais as interações de uma economia complexa em escala mundial se intensificam, mais necessário se torna regulamentar, regular o sistema. Um exemplo disso são as telecomunicações, onde sem uma regulamentação adequada, ao invés de serviços eficientes, o que sobrevém é o caos. Nesta área a Europa unificada e ainda razoavelmente regulamentada deve levar vantagem sobre os EUA num futuro próximo.

Sem regulamentações internacionais adequadas, só resta a alternativa de uma política de conquista tecnológica avassaladora, como aquela hoje praticada pelo Japão, onde os grandes conglomerados asseguram a regulação do mercado. O problema é que esta alternativa traz desequilíbrios comerciais brutais que, a médio prazo, podem comprometer até a paz mundial, como já ocorreu por duas vezes no nosso século.

Ao invés de competição seria melhor estarmos falando de colaboração. Ao invés de superávits, dever-se-ia estar buscando o equilíbrio das balanças de pagamento. Ao invés de disputar os papéis de vencedores e vencidos, mais construtivo seria se todos buscassem ser parceiros no desenvolvimento da humanidade. Caso contrário, os muros da vergonha contemporâneos, que são os serviços de imigração dos portos e aeroportos e as fronteiras dos países ricos, terão que ser cada vez mais reforçados.

Recentemente foi publicado no Jornal *Washington Post* um artigo (3) onde, trocando em miúdos, se atribui o atraso da América Latina a problemas culturais na linha do estereótipo do latino-americano preguiçoso, ineficiente, etc. Nós teríamos herdado estes defeitos dos colonizadores Espanhóis e Portugueses e dos ameríndios. Esta é a lenga-lenga que todos nós Brasileiros estamos cansados de ouvir há séculos de nossas classes dirigentes. Por este raciocínio o pobre é culpado pela própria pobreza e o ignorante pela própria ignorância. Que brasileiro já não falou ou ouviu frases como: "*Desempregado é vagabundo pois quando eu quero contratar uma empregada doméstica (US\$ 50 mensais) ou um jardineiro (US\$ 5 por dia) eu não encontro*". Agora que a recessão já bate às portas da classe média, talvez ela reflita melhor sobre estes preconceitos.

Enquanto tudo isso acontece, nossas elites pregam a "*modernidade*" ...

O Brasil é atrasado sim, mas não apenas dos 5 anos que separam "*nossos*" automóveis dos modelos importados. Na verdade nosso atraso é de mais 50 anos, que separam o metalúrgico dos países desenvolvidos - que pode comprar um carro novo - do nosso que mal pode comprar um carrinho velho, e ainda assim é considerado privilegiado, nada mais devendo reivindicar.

O Brasileiro é incompetente sim, mas não o povo pobre e impotente. Este apenas paga o preço da incompetência das classes dirigentes.

O Brasil deve buscar o exemplo nos países ricos sim, mas o exemplo a seguir é o do esforço que estes povos fizeram para conquistar seu espaço. Modernidade não é abrir redes de "*fast-food*" norte-americanas no Brasil. Modernidade seria o empresário brasileiro abrir redes de comida brasileira no exterior. Modernidade é dar a um povo a chance de realizar suas potencialidades e aspirações, criando condições para que a maioria possa utilizar sua energia e criatividade. Não é com recessão e desemprego que se pode alcançar estes objetivos.

Os EUA acharam seu caminho quando resolveram extirpar o atraso dos latifúndios sulistas e seu sistema de exploração do trabalho escravo. Acharam seu caminho quando suas classes dirigentes deixaram de ser subservientes à Inglaterra, quando distribuíram terras e educaram seu povo. Hoje eles já não fazem mais isso e por isso mesmo vão rumo à decadência. Também o Japão colhe hoje os frutos do investimento em educação feito por várias gerações passadas, além de ter uma agricultura e uma indústria devidamente protegidas e uma classe dominante que realmente buscou realizar os desejos de seu povo.

Ao contrário, na América Latina nossos dirigentes têm sido historicamente representantes de interesses estrangeiros, distantes das aspirações da população, que ainda por cima recebe a culpa pelo seu próprio atraso e pobreza (4). Isso infelizmente continua sendo verdade, só que agora se reveste de uma roupa nova.

As classes dominantes no Brasil agora se apresentam transvestidas de "*modernidade*" e proclamam que o livre comércio e as leis de mercado vão resolver todos os nossos problemas. Não é mais preciso planejar, o desenvolvimento virá espontaneamente tão logo se abram os portos às *nações amigas*. Fortalecimento do mercado interno, reforma agrária, redistribuição de renda, investimento governamental em infraestrutura, proteção à indústria nacional, saúde, educação e soberania, tudo isso seriam coisas do passado.

Ao contrário do que tem sido apregoado, o que está ocorrendo a olhos vistos no Brasil é que, ao invés do prometido primeiro mundo, estão nos levando para o quarto mundo, o da República das Alagoas. Aliás, para aqueles que conservaram algum espírito crítico nestes tempos de "*modernidade*", tudo isso não era tão difícil de prever.

References

- (1) R. Rosenblatt, 1991, *Coming to America*, in: Our Times - 2, R. Atwan, Boston: Bedford Books, pp. 639-648.
- (2) J. K. Galbraith, 1979, *Crônicas de um Eterno Liberal*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- (3) E. Robinson, 1991, *The Battle for the Soul of Latin America*, Washington: Washington Post, Novembro.
- (4) E. Galeano, 1973, *Open Veins of Latin America*, New York: Monthly Review Press.

JOSÉ ROBERTO DE FRANÇA ARRUDA - Professor da FEM/Unicamp.